

2º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO INDÍGENA 1/7-2-1984

Relatório apresentado por Loretta Emiri

Atuação junto aos Yanomami

Apresentação da etnia.

Os Yanomami ocupam uma área de floresta tropical na região de fronteira entre o Brasil e a Venezuela.

Eles totalizam uma população de aproximadamente 18.400 indígenas.

Constituem o maior grupo ainda em grande parte isolado do contato com a sociedade envolvente, tendo ainda grupos arredios.

Vivem segundo seus padrões culturais tradicionais.

No Brasil os Yanomami ocupam áreas compreendidas no Território Federal de Roraima e no Estado do Amazonas e a população é estimada em 8.400 indivíduos.

Pertencem à família lingüística yanomami quatro sub-grupos cada um com dialetos.

Histórico do contato e política indigenista oficial.

1974 - A BR 210, Perimetral Norte, corta o sul do território yanomami. O contato com os trabalhadores da estrada traz as primeiras epidemias de gripe e sarampo, que causam a morte de inúmeros indígenas; várias aldeias desapareceram do mapa.

1975 - Após a publicação das pesquisas geológicas do Projeto RADAMBRASIL desencadeia-se a corrida à mineração no território yanomami.

1977 - O Distrito Agro-pecuario de Roraima inclui em seu projeto de colonização áreas tradicionalmente ocupadas pelos yanomami.

3/1982 - Com Portaria GM n. 025 o Ministro Andreazza interdita uma área de 7,7 milhões de hectares. A Portaria não foi respeitada, pois uns invasores que penetraram na área em 1981 até hoje não foram evacuados e não se chegou ainda a demarcar a área.

2/1983 - O Decreto n. 88.118 modifica os critérios de demarcação dos territórios indígenas.

11/1983 - O Decreto n. 88.985 autoriza mineradoras federais, estaduais e privadas a extrair minérios em qualquer área indígena sem precisar mais de decretos individuais. Assumem assim maior importância os pedidos de uns deputados que querem extrair minério no coração do território yanomami.

Apresentação do trabalho.

Meu trabalho se desenvolveu na Missão Catrimâni da Diocese de Roraima, que alcança 10 grupos locais yãnomamê.

A exigência da alfabetização não surgiu de uma necessidade deles, mas da constatação feita por nós missionários da importância que a sociedade envolvente atribue à educação institucionalizada.

A alfabetização foi feita na língua materna:

- para reforçar a identidade étnica;
- porque os yãnomamê não falam português;
- porque vários especialistas o aconselham.

Dos três adultos que foram envolvidos no projeto um solicitou por iniciativa própria de ser alfabetizado e dois foram escolhidos por nós. Foi justamente o primeiro que chegou a ser alfabetizado.

No fim da experiência nos questionamos quanto a validade da alfabetização como meio de conscientização, chegando à conclusão que experiências diretamente relacionadas com o contato e o uso da transmissão oral dos conhecimentos, que é tradicional da cultura yanomami, seriam muito mais incisivos e rápidos numa situação de contato tão irreversível.

Quanto à matemática, antes de começar experiências e tentativas, foi feito um levantamento que nos permitiu de descobrir que os termos aos quais a gente estava atribuindo o valor dos números um e dois, na realidade querem dizer: um pouco/poica coisa/pouco tempo/sozinho e par/casal/emparelhados. Chegamos à conclusão que, não existindo numeração, a introdução da matemática deve ser feita em português e não adaptando palavras e conceitos quantitativos próprios dos yanomami à matemática, para não gerar confusões.

Descrição da caminhada 1982/1984.

Depois de ter participado do primeiro Encontro de Educação Indígena viajei para a Itália para tirar férias.

Uma vez chegada lá surgiu a necessidade de eu resolver uns problemas familiares e o Bispo da Diocese de Roraima formalizou a vontade de não aproveitar, por enquanto, da minha colaboração. Estes dois fatos determinaram que minha estadia na Itália se prolongasse até quase dois anos.

Passei os primeiros meses lendo e estudando, querendo aprofundar meus conhecimentos. Depois disso comecei a elaborar os dados que tinha levantado durante minha estadia na Missão Catrimâni.

No primeiro Encontro de Educação Indígena tomamos o compromisso de elaborar um "Plano curricular" experimental de Estudos Sociais; então meu primeiro trabalho foi "Notas sobre os grupos locais yanomami da bacia do médio rio Catrimâni". Ele não é bem um plano curricular, mas uma apresentação da vida e cultura yanomami que pode ser aproveitada para apresentar este povo aos grupos indígenas representados em nosso Encontro.

Em seguida elaborei um livrinho de leituras todo em língua yãnomamê, no qual incluí relatos históricos e mitológicos, desenhos que os ilustram, situações de contato, geografia, cultura material, tudo relatado pelos indígenas.

O elaborei preocupada principalmente em fornecer ao yanomami alfabetizado material com o qual aprofundar a técnica da leitura. Fico na expectativa de saber se chegou até ele, quais seus comentários e a utilização ^{o local de} ~~o local de~~ que o livro está tendo para ele. Nos últimos oito meses trabalhei sistematicamente na elaboração de um pequeno dicionário yãnomamê-brasileiro que fundamentalmente visa homenagear o mundo cultural yanomami e quer ser um instrumento de trabalho na elaboração de textos em língua yãnomamê.

Enquanto isso, levei para frente uma certa obra de sensibilização à problemática indígena ^{em} geral e yanomami em particular.

Dei palestras e projetei slides entre grupos sensíveis e abertos a esta problemática, mas tive a preocupação que estes grupos não abordassem apenas culturalmente o problema, mas que o assumissem existencialmente. A proposta era de mandar e solicitar petições ao Presidente brasileiro para concretizar a criação do PARQUE YANOMAMI, e ao Presidente italiano para suscitar uma tomada de posição por sua parte, sempre neste sentido, frente às autoridades brasileiras.

Em colaboração com a Comissão pela Criação do Parque Yanomami, na pessoa de Carlo Zacchini, à luz das notícias que chegavam do Brasil, foram elaboradas as petições, inclusive respondendo indiretamente ao Ministério do Interior que interveio pedindo explicações e notícias à Embaixada brasileira.

A movimentação está ainda em andamento.

Confronto com as recomendações do Encontro 1982 e análise dos impasses e acertos nestes dois anos.

Quanto à recomendação de procurar alianças entre as entidades envolvidas com os yanomami, mantive correspondência com todas elas e enviei a todas o material que elaborei.

Os interesses particulares que cada uma destas entidades têm e a diferente maneira de enfrentar o trabalho, continuam a dificultar o relacionamento entre elas; conti-

nuam sendo um obstáculo para alcançar aquela colaboração que envez levaria a ver e fazer os interesses do POVO yanomami, nesta situação presente que é dramática. Realizei a recomendação de sistematizar todo o material lingüístico de que dispunha, só que não procurei ajuda de assessoria lingüística por eu estar na Itália. As escolhas são políticas, sempre, então o assessor lingüístico, a meu ver, deve ter um envolvimento real com o povo, com a situação, com a prática. De uma certa forma, não quis "colonizar" o material.

Quanto aos pontos 3 e 4, de guardar a expêriência e aprofundar os conhecimentos lingüísticos, pedagógicos e antropológicos, me parece de ter alcançado o objetivo. Tendo ficado fora da área, não foi possível, logicamente, realizar as recomendações n. 5 e 6, de incentivar outras formas de conscientização entre os indígenas e ir morar numa maloca.

Prioridades e perspectivas.

- 1) Questionar, informar, manter contatos com todas as entidades envolvidas com os Yanomami, ou seja: FUNAI, Grupos de apoio, Igreja Católica, Protestantes, entidades que atuam na Venezuela, visando a uma ação de conjunto.
- 2) Viabilizar novas formas de colaboração com os grupos de apoio, especialmente com os que já demonstraram interesse em ter minha colaboração, ou seja: OPAN, CIMI, CEDI, CCPY.
- 3) Buscar um espaço de atuação na área, numa visão de "Educação Global" e de "POVO" yanomami.

Elenco do material, por mim elaborado, que é mimeografado ou xerocado e que pode-se encontrar na OPAN, CEDI, CIMI Nacional, CIMI Regional Norte I:

- "Gramática pedagógica de língua yãnomamè", Agosto de 1981.
- "Cartilha yãnomamè", Fevereiro de 1982.
- "Notas sobre os grupos locais yanomami da bacia do médio rio Catrimãni", Agosto de 1982.
- "Leituras yãnomamè", Dezembro de 1982.
- "Em preparação a um dicionário yãnomamè-brasileiro", Dezembro de 1983 (não foi ainda divulgado).